

CONSPIRAÇÃO E DEMOÇÃO: MECANISMOS DE SIMPLIFICAÇÃO DA ESTRUTURA SILÁBICA

Dermeval da HORA¹
Rubens M. LUCENA²

- RESUMO: Defende-se que alguns fenômenos sincrônicos da Língua Portuguesa, dentre eles a redução dos ditongos átonos finais, a monotongação dos ditongos crescentes orais e o apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda, parecem caminhar na direção da simplificação da estrutura silábica da língua. Estes fenômenos, aparentemente diferentes entre si, demonstram possuir, no entanto, um traço em comum: em todos eles, a simplificação é resultado de um mesmo processo – a demoção da restrição de fidelidade MAX-IO. Para entender esta hipótese, porém, faz-se necessário um repasse do que vem a ser a idéia de conSPIRAÇÃO e um entendimento de como a sílaba está estruturada nas línguas naturais.
- PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Otimidade. ConSPIRAÇÃO. Demoção.

Introdução

A percepção de que a Língua Portuguesa evita as sílabas travadas e que prima por padrões silábicos menos marcados, muitas vezes mais melódicos, é algo constatado a partir da observação de inúmeros processos fonológicos refletidos na fala gravada que constitui diversos *corpora* (VALPB, NURC, VARSUL etc.). Neste trabalho, é aventada a hipótese de que existe um processo na Língua Portuguesa falada no Brasil que a direciona para a simplificação de estruturas silábicas, possibilitando “um falar mais doce”, como bem colocou Gilberto Freyre (1990, p.331).

Alguns argumentos sincrônicos parecem suficientes para que se proponha a idéia da conSPIRAÇÃO por estruturas silábicas menos marcadas, como em *peixe* > *pexe*; *jovem* > *jóvi*; *comer* > *comê*.

Câmara Junior (1997, p.26) já afirmava que a Língua Portuguesa se caracteriza por uma grande predominância de sílabas livres ou abertas: “[...] sílabas travadas ou fechadas são muito menos freqüentes e com uma limitação muito grande das consoantes que podem figurar no aclave, isto é, como decrescentes.” É justamente este o objeto de estudo deste artigo: a tendência do PB em primar por estruturas silábicas menos marcadas.

¹ Pesquisador do CNPq. UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa - PB - Brasil. 58039-210 - ho_ra@hotmail.com

² UFPB - Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. João Pessoa - PB - Brasil. CEP 58051-900 - rubenslucena@yahoo.com

Aqui, será mostrado que várias mudanças ocorridas na Língua Portuguesa (e outras que estão por acontecer) podem ser atribuídas às diferentes hierarquias de um número limitado de restrições. Observar-se-á que a história do português pode ser vista como uma série de estágios, exibindo, cada um deles, uma hierarquia de restrições diferenciada. Leves mudanças no posicionamento destas restrições provocariam variação na estrutura silábica e nas formas fonéticas e fonológicas do português.

Defende-se que alguns fenômenos sincrônicos da Língua Portuguesa parecem caminhar na direção da simplificação da estrutura silábica da língua. Estes fenômenos, aparentemente diferentes entre si, demonstram possuir, no entanto, um traço em comum: em todos eles, a simplificação é resultado de um mesmo processo: a demção da restrição de fidelidade MAX-IO. Para entender esta hipótese, porém, faz-se necessário um repasse do que vem a ser a idéia de conspiração e um entendimento de como a sílaba está estruturada nas línguas naturais.

Este trabalho, teoricamente, se pautará, de um lado, pela idéia da Conspiração; de outro, no arcabouço da Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993, 1995), daqui por diante denominada TO.

A idéia de conspiração não é nova dentro da ciência lingüística. De fato, ela já surge no final da década de 1920, nos primeiros escritos de Jakobson (1962), que discutia a conspiração pela sílaba aberta no eslavônico. Jakobson acreditava que algumas regras diacrônicas, aplicadas ao longo dos séculos, tinham uma aparente direcionalidade ou objetivo; no caso em questão, a eliminação das codas silábicas.

No entanto, o entendimento mais sistemático do fenômeno conspiratório se dá com o texto de Kisseberth (1970). Nesse trabalho, Kisseberth observou que várias regras fonológicas em yawelmâni, uma língua extinta falada por índios da Califórnia, possuem um propósito semelhante: elas eliminam ou deixam de criar seqüências de três consoantes adjacentes (do tipo CCC).

A TO, como se verá mais adiante, em virtude de seu caráter inerentemente interativo, dá conta mais satisfatoriamente desse aspecto particular da conspiração. McCarthy (2002) afirma que a mesma configuração do output pode ser alcançada de diferentes maneiras entre as diferentes línguas e até mesmo dentro de uma mesma língua. O autor chama esta propriedade da TO de *homonegeidade do alvo/heterogeneidade do processo*, isto é, ele defende que existem diversas maneiras de se atingir o mesmo objetivo dentro das línguas. Dentro da Teoria da Otimalidade, o conjunto da gramática – no caso em questão, o conjunto da fonologia da língua – consiste em uma hierarquização das restrições. Isto significa que não existem processos isolados; todos os processos interagem potencialmente

entre si. A situação na TO, desta forma, é diferente da teoria gerativa padrão, onde cada regra é completamente autônoma das demais.

Para atingir o objetivo proposto, este artigo está assim estruturado: na segunda seção, serão apresentadas as evidências sincrônicas da conspiração; nas três seções seguintes, serão apresentados e analisados os três fenômenos da Língua Portuguesa, respectivamente, a redução dos ditongos átonos finais, a monotongação dos ditongos crescentes orais e o apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda, objetos de estudo que permitem ratificar a proposta deste trabalho.

Evidências sincrônicas da Conspiração

Nesta seção, serão tratados três fenômenos sincrônicos da Língua Portuguesa falada no Brasil que parecem confirmar a tendência à demção de MAX-IO e à simplificação de estruturas silábicas. São eles: a redução dos ditongos nasais átonos; b) a monotongação de ditongos orais; e c) o apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda.

É importante lembrar que, apesar de estes fenômenos serem variáveis na Língua Portuguesa falada no Brasil, eles são encontrados nas mais diversas partes do país (conforme se pode observar nos estudos abaixo), além de serem bastante recorrentes. Para os objetivos desta pesquisa, foram consultados os seguintes dialetos: o do sul do país (baseado em estudos de Meneghini (1983), Bisol (1989), Cabreira (1996), Battisti (1997, 2000) e Monaretto (2000, 2002); todos com base no Projeto VARSUL³); o do Rio de Janeiro (CALLOU, 1987; PAIVA, 1996; SILVA, E., 1997); o falado na Paraíba (SILVA, F., 1997; HORA; PEDROSA, 2001⁴); e o falado no Amapá (HORA; SANTIAGO, 2006⁵). Para este capítulo em particular, serão utilizadas as restrições NONFINALITY, EDGEMOST, FOOT BINARITY, DISSPÉ e WSP, todas explicitadas abaixo.

Redução dos ditongos nasais átonos

O primeiro fenômeno a ser observado aqui é a redução dos ditongos nasais átonos. No PB, é chamado 'ditongo nasal' o encontro de vogal seguida de nasal em final de vocábulo, como por exemplo: 'órgão', 'leram', 'jovem' (átonos) ou 'lerão', 'jargão', 'também' (tônicos).

³ Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (UFRGS, UFSC, UFPR, PUCRS).

⁴ Projeto VALPB - Variação Lingüística no Estado da Paraíba.

⁵ Projeto Vozes do Amapá.

Estes ditongos, quando em posição átona, são passíveis de redução. Assim, uma única vogal, sem qualquer resquício de nasalidade, pode ser realizada na superfície, como em (1):

- (1)
órgão > órgu
bênção > bênçu
homem > hõmi
leram > lêru
jovem > jóvi

Trata-se de um fenômeno sincrônico variável no português do Brasil, encontrado nos falares de diferentes partes do território nacional, em falantes de perfis sócio-econômicos e culturais distintos. Dados empíricos confirmam esta tendência ao apagamento. Battisti (2000, p.260-267) atesta a redução nas três capitais do sul (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba); nos dados de Hora e Pedrosa. (2001, v.4), são encontrados: violentaram > violentáru (p.39), homem > hõmi (p.107), fizeram > fizéru (p.144), virgem > vírgi (p.164); nos informantes do corpus do Amapá (HORA; SANTIAGO, 2006), são observados: vieram > viéru (p.28), encontraram > encontráru (p.32), aumentaram > aumentáru (p. 73), viagem > viági (p.93).

Segundo Battisti (2000), a monotongação e a desnazalização de ditongos nasais átonos é mais bem representada se compreendida como o apagamento do segundo elemento vocálico, portador de nasalidade. Além disto, a atonicidade da sílaba também parece ter um papel fundamental neste processo, como desencadeador da redução do ditongo. Desta forma, a atonicidade da sílaba parece ser uma espécie de condição *sine qua non* para a ocorrência da redução.

Para analisar o fenômeno de redução do ditongo nasal átono dentro dos princípios da TO, é preciso lançar mão de algumas restrições acima mencionadas. A primeira delas seria NONFINALITY, uma restrição específica de acento, responsável por evitar acento em sílaba final de vocábulo. Esta restrição foi proposta primeiramente por Prince e Smolensky (1993, p.42):

- (2)
NONFINALITY: a cabeça prosódica da palavra não cai na sílaba final da palavra⁶.

Ainda segundo os autores, deve-se entender 'cabeça prosódica' como o acento principal da palavra.

⁶ NONFINALITY: The prosodic head of the word does not fall on the word-final syllable (Prince; Smolensky, 1993, p.42).

Uma segunda restrição necessária para esta análise é EDGEMOST, restrição também específica de acento, que requer que o acento da palavra recaia o mais próximo à borda possível. Esta restrição também foi primeiramente proposta por Prince e Smolensky (1993, p.37):

(3)

EDGEMOST: o item ϕ está situado na borda B do domínio D⁷.

As violações a EDGEMOST são contadas em unidades a partir da borda considerada. Assim, caso o acento recaia na penúltima sílaba, isto incorrerá em uma violação a EDGEMOST; se recair na antepenúltima, serão duas violações a esta restrição. NONFINALITY e EDGEMOST são restrições que se opõem por natureza; desta forma, a satisfação de NONFINALITY implica nunca atribuir o acento à última sílaba da palavra; EDGEMOST, por outro lado, requer que o acento se situe o mais próximo à borda possível, o que inclui a última sílaba. Assim, em uma língua em que NONFINALITY domina EDGEMOST, um vocábulo oxítono nunca poderá acontecer. Considerando o *tableau* (4) ('O' representa a sílaba que recebe o acento principal; 'o', as demais sílabas), é possível imaginar tal língua:

(4)

/ooo/	NONFINALITY	EDGEMOST
a. [Ooo]		**!
b. ϕ [oOo]		*
c. [ooO]	*!	

Em (4), vêem-se os resultados para um vocábulo trissílabo em uma língua com a hierarquia de restrições proposta acima. O candidato (c) [ooO], um oxítono, é logo eliminado por violar fatalmente NONFINALITY, a restrição mais alta na hierarquia. Apesar de (a) e (b) satisfazerem-na e violarem, ambos, EDGEMOST, o candidato paroxítono é a melhor escolha, visto incorrer em um menor número de violações.

Uma terceira restrição necessária para esta análise é FTBIN ou FOOT BINARITY (Binaridade de Pé). Esta restrição, formulada por Prince e Smolensky (1993, p. 50)⁸, requer que os pés sejam binários, isto é, que sejam bimoraicos.

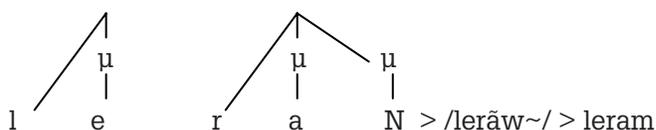
Segundo Battisti (1997), é comum relacionar a redução dos ditongos nasais átonos na Língua Portuguesa com as modalidades menos formais de fala. A redução, portanto, é atribuída à realização menos cuidada que caracteriza o estilo coloquial, o que não é exclusividade do português. Battisti (1997) lança a hipótese de que a redução do ditongo nasal átono seja um esforço da Língua Portuguesa

⁷ EDGEMOST: The item ϕ is situated at the edge E of domain D (Prince; Smolensky, 1993, p.35).

⁸ Foot Binarity (FTBIN): Feet are binary at some level of analysis (Prince; Smolensky, 1993, p.50).

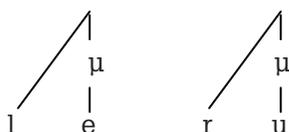
em formar pés de melhor qualidade, bimoraicos. O exemplo exposto em (5) pode ajudar a visualizar melhor esta idéia:

(5)



Em (5), vê-se a palavra 'leram', que apresenta a característica de um troqueu. Com a redução do ditongo nasal átono de 'leram' > 'lêru', o português parece buscar uma melhoria da qualidade do troqueu, implicando não somente a perda do peso silábico pelo apagamento da mora correspondente à consoante nasal, mas também a sua não incorporação à sílaba, com a conseqüente perda da nasalidade, como se pode ver em (6):

(6)



Em (6), o ditongo nasal reduzido já não possui qualquer resquício da consoante nasal subjacente.

Tendo em vista as restrições explicitadas acima, é possível propor que a hierarquia antes da redução dos ditongos nasais átonos seria a seguinte:

(7)

MAX-IO >> NONFINALITY >> EDGEMOST >> FTBIN

Na língua falada mais cuidada, em que, a princípio, não se realizam reduções de ditongos nasais átonos, MAX-IO deve ter uma posição de destaque na hierarquia, como observado em (8) (o símbolo (') indica o acento principal; os parênteses indicam o pé):

(8)

/lê.rãw~/	MAX-IO	NONFINALITY	EDGEMOST	FTBIN
a. (lê.rãw~)			*	*
b. ('le.ru)	*!*		*	
c. lê.(rãw~)		*!		

Em (8), o candidato [('le.ru)] é excluído da competição por violar fatalmente MAX-IO, que ainda domina o conjunto de restrições. O candidato [le.('rãw~)], apesar de satisfazer EDGEMOST, por apresentar o acento mais próximo à borda da palavra, viola NONFINALITY, pois apresenta a cabeça prosódica no final da palavra, o que contraria a restrição. O candidato (a) é a forma ótima, pois apesar de violar duas restrições, não viola MAX-IO, a restrição mais importante aqui.

Na fala menos cuidada, no entanto, essa hierarquia apresentada em (8) parece sofrer modificações, modificações estas semelhantes àquelas tratadas no capítulo anterior: a demoção de MAX-IO. De fato, com o deslocamento desta restrição de fidelidade para uma posição mais abaixo na hierarquia, a Língua Portuguesa permite o aperfeiçoamento da forma na direção de um troqueu mais bem formado: ao invés de três moras, passa a apresentar apenas duas. Além deste deslocamento, FTBIN é transferido para a posição mais importante da hierarquia, fazendo com que se desconsidere todo e qualquer candidato que apresente um pé formado por mais de duas moras. Isto pode ser visualizado em (9):

(9)

/le.rãw~/	FTBIN	NONFINALITY	EDGEMOST	MAX-IO
a. ('le.rãw~)	*!		*	
b. \mathcal{E} ('le.ru)			*	**
c. le.('rãw~)		*!		

Em (9), a situação é um pouco mais complicada e merece uma análise mais cuidada dos candidatos excluídos:

i. o candidato (a) é excluído da competição por violar fatalmente a restrição FTBIN, que requer que todo pé tenha que ser binário. O candidato apresenta três moras (uma na primeira sílaba e duas na segunda), o que acarreta sua imediata desclassificação. Além disto, ele viola EDGEMOST, por não possuir acento principal na última sílaba;

ii. o candidato (c) também não é escolhido como forma ótima por violar fatalmente NONFINALITY, visto que possui cabeça prosódica da palavra em posição final.

iii. o candidato (b), apesar de violar EDGEMOST uma vez (não possui acento principal na última sílaba) e MAX-IO duas vezes (apaga dois segmentos), ainda é o candidato ótimo, pois não viola nenhuma destas restrições fatalmente.

O *tableau* (9) deixa clara a preferência do português brasileiro, em sua modalidade mais informal, pela necessidade de melhorar a qualidade do troqueu. De fato, [ˈle.rãw~] constitui um troqueu mais empobrecido, com sílaba pesada em posição fraca e trimoraico. Além disto, é importante destacar o papel crucial desempenhado por NONFINALITY na localização do acento paroxítono. É importante observar que, mesmo a forma oxítona com sílaba final pesada, que daria origem a um troqueu bem formado, (bimoraico) não é selecionada como ótima, visto a preferência da gramática por vocábulos paroxítonos, expressa no ordenamento de NONFINALITY em posição superior na hierarquia. Segundo Battisti (1997), com relação aos ditongos nasais tônicos (não tratados aqui neste trabalho), NONFINALITY passa a uma posição inferior na hierarquia.

Em (9), portanto, fica confirmada mais uma vez a demissão de MAX-IO na Língua Portuguesa, no sentido de produzir estruturas silábicas mais simples, o que corrobora a hipótese da conspiração aventada neste trabalho.

Um problema surge, no entanto, nesta análise proposta acima: se a redução dos ditongos nasais átonos se deve à tentativa dos falantes de melhorar a qualidade de troqueus formados por uma seqüência de sílabas leve-pesada, o que acontece com palavras formadas por seqüências de sílabas pesada-pesada, como ‘órgão’ e ‘órfão’?

Primeiramente seria interessante analisar a gramática que seleciona a forma [órgão], e não a forma popular [órgu], em (10):

(10)

/ór.gãw~/	FTBIN	MAX-IO	NONFINALITY	EDGEMOST
a. σ (‘ór).(gãw~)				*
b. (ór).(‘gãw~)			*!	
c. (‘ór.gãw~)	*!			*
d. (‘ór.gu)	*!	*		*

Em (10), o candidato (b) é descartado por apresentar a cabeça prosódica da palavra em posição final, violando fatalmente NONFINALITY. O candidato (c) viola fatalmente FTBIN (que requer que os pés tenham apenas duas moras), pois apresenta um troqueu com quatro moras; o mesmo acontece com o candidato (d), que apresenta um troqueu de estrutura silábica pesada-leve, com três moras. Desta forma, o candidato (a) acaba sendo o output ótimo, pois apenas viola EDGEMOST, que ocupa posição inferior na hierarquia.

Seguindo o raciocínio de Battisti (1997), para entender a redução dos ditongos átonos com estrutura silábica no input pesada-pesada, é preciso lançar mão de duas outras restrições: DISSPÉ e WSP.

WSP, forma reduzida de Weight-to-Stress Principle, é uma restrição, proposta primeiramente por Prince e Smolensky (1993) que requer que as sílabas pesadas recebam o acento principal da palavra ou que estejam na posição forte do pé, isto é, que sejam proeminentes⁹. Isto significa que sílabas pesadas não podem ocupar posição fraca no pé. DISSPÉ, restrição utilizada por Battisti (1997), afirma que pés dissilábicos são melhores que monossilábicos, a despeito do peso de cada sílaba.

Assim, a gramática que seleciona [órgu], e não [órgão], como output ótimo teria a seguinte hierarquia de restrições:

(11)

/ór.gãw~/	DISSPÉ	WSP	FTBIN	NONF.	EDG.	MAX.
a. ('ór).(gãw~)	*!				*	
b. (ór).('gãw~)	*!			*		
c. ('ór.gãw~)		*!	*		*	
d. σ ('ór.gu)			*		*	*

Em (11), a situação é a seguinte:

i. o candidato (a) é excluído da competição por violar fatalmente a restrição DISSPÉ, que requer que o pé seja dissilábico. No caso em questão, a palavra apresenta dois pés, cada um monossilábico. Além disto, o candidato viola EDGEMOST, por não localizar o acento próximo à borda;

ii. o candidato (b) é excluído da disputa pela mesma razão, pois traz um pé monossilábico. O candidato (b) também viola NONFINALITY, por situar a cabeça prosódica em posição final;

iii. o candidato (c) não é escolhido como output ótimo por violar fatalmente WSP, pois apresenta uma sílaba pesada em posição fraca do pé. Além disto, o candidato viola FTBIN (pois traz um pé com quatro moras) e EDGEMOST (o acento principal não recai na última sílaba).

iv. o output (d), com ditongo nasal átono reduzido, é a forma ótima, por satisfazer a restrição mais alta na hierarquia, DISSPÉ. Apesar de ser um troqueu pobremente formado, de sílabas pesada-leve e com três moras, é dissilábico e não possui sílaba pesada em posição fraca do pé.

⁹ Weight-to-Stress Principle (WSP): Heavy syllables are prominent in foot structure and on the grid (PRINCE; SMOLENSKY, 1993, p.56).

Assim, é possível afirmar que a redução dos ditongos nasais átonos, tanto daqueles com input com estrutura silábica leve-pesada, como daqueles com input com estrutura silábica pesada-pesada, é um esforço para melhorar a qualidade de troqueus, retirando moras de sílabas pesadas que não atraem o acento. Neste ponto, é importante lembrar que MAX-IO sempre está em posição inferior na hierarquia e que a redução dos ditongos só é possível devido ao deslocamento de MAX-IO para esta posição. De fato, o output ótimo violará sempre esta restrição de fidelidade, com apagamento de segmentos e moras. É mais um indício para a conspiração por padrões silábicos menos marcados. De fato, como afirma Battisti (1997), a fala popular parece preferir ditongos nasais átonos reduzidos a ditongos nasais plenos, mesmo que isto represente o apagamento de segmentos ou moras.

Monotongação de ditongos decrescentes orais

A monotongação é outro processo sincrônico que merece ser considerado. O apagamento dos glides [j] e [w] em ditongos orais decrescentes, denominado monotongação, é um fenômeno linguístico de larga expansão no português do Brasil. Assim, ca[j]xa > caxa, pe[j]xe > pexe, mo[w]ro > moro. Este processo já foi amplamente atestado em distintas regiões do Brasil, em diversos trabalhos sociolinguísticos: no Rio Grande do Sul (MENEZHINI, 1983; BISOL, 1989; CABREIRA, 1996), no Rio de Janeiro (PAIVA, 1996; SILVA, E., 1997) e na Paraíba (SILVA, F., 1997).

O processo de monotongação, no entanto, não é um fenômeno exclusivamente sincrônico. De fato, a tendência a evitar ditongos, transformando-os em vogais simples, é atestada no português ao longo de toda a sua história. Lausberg (1981) afirma que a maior parte dos ditongos do latim clássico passou a ser monotongados no latim vulgar. Assim:

- (12)
caecu > cecu
claustru > clostru
saeta > seta

Houve a extinção das diferenças entre as vogais por meio de um ajustamento mútuo, ou assimilação, dos elementos do ditongo, resultando no monotongo (LAUSBERG, 1981).

Câmara Junior (1997) já questionava a existência ou não de ditongos na Língua Portuguesa, tendo em vista a constante oscilação entre as possibilidades

articulatórias. O autor se perguntava se existiriam ditongos propriamente ditos ou se seriam dois núcleos silábicos consecutivos, formando um hiato. Como não é objetivo deste trabalho analisar a realidade fonética dos ditongos (crescentes ou decrescentes), fica entendido aqui que será adotada a teoria de que o ditongo é formado por vogal plena seguida de uma semivogal, resultando em um padrão silábico complexo. A hipótese aventada aqui é a de que a Língua Portuguesa, visando à simplificação das estruturas silábicas, apaga o glide, em um esforço para tornar o padrão silábico menos marcado. A estratégia abordada pela língua é novamente a demissão da restrição de fidelidade MAX-IO, o que será demonstrado mais adiante.

Através dos trabalhos sobre o processo de monotongação citados acima, é possível fazer algumas generalizações a respeito deste fenômeno. Assim:

i. contextos fonológicos seguintes que compartilham maior número de propriedades fonéticas com a semivogal são determinadores de maior possibilidade de supressão;

ii. dos ditongos orais decrescentes passíveis de monotongação, o ditongo [aj] é o que menos favorece a aplicação da regra. A explicação para isto parece estar no número elevado de palavras monossilábicas que existem com [aj] e o pouco favorecimento para redução nestes monossílabos. Certamente, devem atuar neste processo restrições relativas à tonicidade da palavra, conforme será observado mais adiante;

iii. o ditongo [ej] é o segundo maior favorecedor do processo de monotongação, exceto quando em posição final, quando é quase categórica a sua retenção. A explicação também certamente reside em restrições relacionadas à tonicidade;

iv. o ditongo [ow] sofre redução em quaisquer contextos e independente das variáveis sociais. Os altos índices referentes à aplicação da regra indicam tratar-se de um estado de mudança praticamente consumado. Segundo Teyssier (2001), a monotongação do [ow] começou provavelmente a manifestar-se no século XVII e invadiu todo o sul e a maior parte do centro de Portugal.

A partir destas considerações, é possível reconstruir uma etapa da gramática da Língua Portuguesa que impediria a redução dos ditongos orais decrescentes, como se vê em (13):

(13)

/cai.xa/	MAX-IO	FTBIN	NONFINALITY	EDGEMOST
a. $\text{ca}^{\text{H}}\text{.xa}$ ('cai.xa)		*		*
b. ('ca.xa)	*!			*

Em um primeiro momento, conforme pode ser visualizado em (13), a restrição de fidelidade está em uma posição alta na hierarquia, o que impede que o output [caxa] seja selecionado como forma ótima. Embora ele tenha o pé bem formado, com apenas duas moras, FTBIN é dominado por MAX-IO.

(14)

/pai/	MAX-IO	FTBIN	NONFINALITY	EDGEMOST
a. ☞ ('pai)			*	
b. ('pa)	*!	*	*	

Esta mesma hierarquia de restrições também impede que sejam apagados segmentos de palavras monossilábicas com ditongos decrescentes. Desta maneira, como se vê em (14), a forma [pai] fica salvaguardada e o output [pa] é imediatamente descartado pela gramática da língua, devido à posição de dominância assumida por MAX-IO. Além disto, a forma [pa] também viola FTBIN, produzindo um pé com uma única mora, o que é proibido pela gramática da língua.

A hipótese levantada aqui é a de que o PB, em seus diversos falares, caminha em uma direção para a redução quase categórica dos ditongos decrescentes, salvo poucas exceções explicitadas mais adiante. Esta tendência pode ser explicada através da demção de MAX-IO para uma posição inferior na hierarquia das restrições, confirmando, mais uma vez, a hipótese de conspiração proposta neste trabalho.

Em (15), é possível perceber o resultado após o deslocamento da restrição de fidelidade:

(15)

/cai.xa/	FTBIN	NONFINALITY	EDGEMOST	MAX-IO
a. ('cai.xa)	*!		*	
b. ☞ ('ca.xa)			*	*

No *tableau* acima, o output [caxa] é escolhido como a forma ótima, pois, apesar de continuar a violar MAX-IO, esta restrição agora está em uma posição inferior na hierarquia. Assim, [caxa] viola EDGEMOST, como também o faz o candidato (a). O que se tornou crucial neste *tableau* foi a posição de dominância de FTBIN, que elimina a forma [caixa], visto que esta apresenta um pé com três moras, proibido por aquela restrição.

Para confirmar o posicionamento desta hierarquia, faz-se necessário testá-la com um vocábulo monossilábico, como foi feito anteriormente:

(16)

/pai/	FTBIN	NONFINALITY	EDGEMOST	MAX-IO
a. p^{a} ('pai)		*		
b. ('pa)	*!	*		*

Em (16), a forma [pai] continua a ser escolhida como forma ótima, apesar da demerção de MAX-IO. Isto se dá devido à posição de dominância de FTBIN, que impede que [pa], candidato com uma única mora, satisfaça os requisitos da hierarquia. FTBIN tem, portanto, um papel crucial na preservação dos ditongos nos vocábulos monossilábicos, confirmando que isto se deve a uma restrição relacionada ao acento e tonicidade da palavra.

Por fim, há que se lembrar de um último detalhe: as palavras com ditongos decrescentes tônicos. Como foi visto anteriormente, o acento tônico retém o ditongo quase categoricamente (SILVA, F., 2004). Para explicar este desdobramento, faz-se necessário lançar mão de uma outra restrição relacionado ao pé da palavra, já explicitada anteriormente: WSP.

Em (17), portanto, observa-se a importância que WSP assume na escolha da forma ótima, impedindo que ditongos decrescentes tônicos sejam apagados na superfície:

(17)

/pen.sei/	WSP	FTBIN	NONFIN.	EDGEMOST	MAX-IO
a. p^{e} (pen).('sei)			*		
b. (pen.'se)	*!	*	*		*

Em (17), a restrição WSP, que requer que sílabas pesadas recebam o acento principal da palavra ou que estejam na posição forte do pé, impede que o candidato (b) seja escolhido como forma ótima, pois possui sílaba pesada em posição fraca do pé.

Apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda

O último fenômeno sincrônico a ser tratado é o apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda, fenômeno variável no PB, mas muito recorrente nas mais diversas regiões do país, conforme os estudos realizados por Monaretto (2000, 2002), nas capitais do sul do Brasil; Callou (1987), no Rio de Janeiro; nos dados de Hora. e Pedrosa. (2001, v.4), na Paraíba; e Hora. e Santiago. (2006), no Amapá.

Segundo Teyssier (2001), a queda da vibrante foi registrada a partir do século XIX no português do Brasil, com a tendência a suprimir este segmento no final das palavras, como em ‘doutor’ > ‘doutô’, ‘pegar’ > ‘pegá’, ‘fazer’ > ‘fazê’. Monaretto (2002) atesta que, nos dias atuais, a tendência à supressão da vibrante final ocorre em todos os dialetos do português brasileiro, principalmente em verbos no infinitivo. Em seus dados, a autora comprova que o apagamento da vibrante em posição de coda corresponde a 25% das ocorrências das realizações. Além disso, ela observou também que os jovens a apagam muito mais do que os velhos, o que parece indicar um processo de mudança em progresso.

Este processo de mudança é bem mais simples de ser entendido do que os outros fenômenos tratados neste capítulo e as restrições utilizadas para o apagamento da vibrante já foram abordadas anteriormente:

(18)

/pe.gar/	MAX-IO	FTBIN	NOCODA
a. \varnothing (pe.'gar)		*	*
b. (pe.'gá)	*!		

Em (18) está representado o estágio da língua em que o apagamento de uma coda com vibrante não é permitido. Neste estágio, MAX-IO está em posição de dominância e não permite que nenhum segmento seja apagado. Embora o candidato (a) viole FTBIN, por apresentar um pé com três moras, e NOCODA, por apresentar coda, estas violações não parecem ser fatais para a sua eliminação.

Com a demção de MAX-IO para uma posição inferior na hierarquia, a forma de superfície será completamente alterada, produzindo um *tableau* do seguinte tipo:

(19)

/pe.gar/	FTBIN	NOCODA	MAX-IO
a. (pe.'gar)	*!	*	
b. \varnothing (pe.'gá)			*

Em (19), com a demção de MAX-IO, o output [pegar] é imediatamente descartado, por violar fatalmente FTBIN, que proíbe pés com mais de duas moras. FTBIN está agora em posição de dominância na hierarquia de restrições, o que altera completamente o resultado. O candidato (b), embora viole a restrição de fidelidade MAX-IO, ainda é considerado o output ótimo, visto que esta restrição encontra-se, neste momento, em posição inferior na hierarquia.

Mais uma vez, MAX-IO tem um papel primordial na escolha da forma ótima. Através da demissão desta restrição de fidelidade, o PB consegue produzir formas de superfície menos marcadas e com estruturas silábicas mais simples.

Interessante mostrar, agora, um *tableau* com um vocábulo que não seja um verbo:

(20)

/pior/	F ^T B _{IN}	NoC _{OD} A	MAX-IO
a. (pi.'or)	*!	*	
b. o (pi.'ó)			*

Em (20), a situação é a mesma: [pior] viola F^TB_{IN} por apresentar três moras e por esta restrição estar em posição superior na hierarquia; a forma com apagamento é o candidato ótimo por violar apenas MAX-IO, dominado na hierarquia.

Em alguns vocábulos, a restrição NoC_{OD}A desempenha o papel crucial de determinar o candidato ótimo, como no exemplo em (21):

(21)

/mar.car/	F ^T B _{IN}	NoC _{OD} A	MAX-IO
a. (mar.'car)	*	**!	
b. o (mar.'cá)	*	*	*

Embora o candidato (b) tenha violado todas as restrições, ele se porta de maneira melhor com relação à NoC_{OD}A, que está em uma posição importante na hierarquia. De fato, o candidato (a) viola NoC_{OD}A duas vezes, o que torna sua segunda violação fatal. Por esta razão, (marcá) é a forma ótima.

Fica concluída, portanto, a análise de três fenômenos sincrônicos da Língua Portuguesa: a) a redução dos ditongos nasais átonos; b) a monotongação; e c) a redução da vibrante pós-vocálica em posição de coda.

Observou-se, mais uma vez, que em todos estes fenômenos analisados existe um comportamento semelhante: com o deslocamento de MAX-IO, todos os outputs produzidos passaram a ser compostos por estruturas silábicas mais simples, o que confirma a hipótese da conspiração por padrões menos complexos.

Considerações finais

A investigação que resultou no presente artigo possibilitou mostrar que um modelo fonológico baseado em restrições, em particular a Teoria da Otimalidade, pode contribuir significativamente para o entendimento das mudanças diacrônicas e sincrônicas da Língua Portuguesa. Além disto, a análise através da TO também evidencia que o processo de mudança lingüística, ao longo da evolução de um idioma, pode ser encarado como um reordenamento na hierarquia de suas restrições.

O principal objetivo deste trabalho foi mostrar que parece existir uma tendência, no PB, a simplificar estruturas silábicas, através de fenômenos fonológicos aparentemente distintos, o que caracterizaria uma conspiração (conforme denominado na literatura específica). Para evidenciar a pertinência desta hipótese, procedeu-se à análise de três fenômenos lingüísticos da Língua Portuguesa, todos eles extraídos de corpora sincrônicos.

O primeiro deles foi a redução dos ditongos nasais átonos. Conforme observado no fenômeno da redução dos ditongos, a Língua Portuguesa parece buscar uma melhoria da qualidade do troqueu, implicando não somente a perda do peso silábico pelo apagamento da mora correspondente à consoante nasal, mas também a sua não incorporação à sílaba, com a conseqüente perda da nasalidade. Isto só é possível através da demissão de uma restrição de fidelidade: nomeadamente MAX-IO. Confirma-se, mais uma vez, a demissão de MAX-IO na Língua Portuguesa, no sentido de produzir estruturas silábicas mais simples.

A monotongação foi outro fenômeno sincrônico trazido à discussão neste trabalho. Após a análise de algumas palavras, chegou-se a duas hierarquias de restrições: a) uma do tipo FtBIN >> NONFINALITY >> EDGEMOST >> MAX-IO, para o caso dos ditongos decrescentes átonos; e b) WSP >> FtBIN >> NONFINALITY >> EDGEMOST >> MAX-IO, para os ditongos decrescentes tônicos. A semelhança entre as duas hierarquias reside no fato de que MAX-IO está em posição inferior no ordenamento e, conforme mostrado, isto parece ter sido resultado de um deslocamento. De fato, o PB, em seus diversos falares, caminha para a redução quase categórica dos ditongos decrescentes, salvo as exceções tratadas neste trabalho. Novamente a estrutura silábica é afetada, de modo a simplificá-la.

Por fim, analisou-se o apagamento da vibrante pós-vocálica em posição de coda. Mais uma vez, MAX-IO tem um papel primordial na escolha da forma ótima. Através da demissão desta restrição de fidelidade, o PB consegue produzir formas de superfície menos marcadas e com estruturas silábicas mais simples, com uma gramática do tipo FtBIN >> MAX-IO.

Os três fenômenos, apesar de distintos, apresentam resultados semelhantes:

(22)

	INPUT → OUTPUT	RESULTADO	PROCESSO
Redução dos ditongos nasais átonos	/órfão/ → /órfu/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de Max-IO
Monotongação	/caixa/ → /caxa/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de Max-IO
Apagamento da vibrante na coda	/pegar/ → /pegá/	Simplificação da estrutura silábica	Demoção de Max-IO

Embora esta hipótese não dê conta de todos os processos da língua, acredita-se que ela seja consistente na explicação de alguns caminhos tomados pelo PB.

A análise apresentada aqui não exclui a possibilidade de haver outras forças, dentro do próprio sistema do PB, contra a conspiração por padrões silábicos menos marcados. Como é sabido, os sistemas lingüísticos são imbuídos de forças opostas (centrífugas e centrípetas, por assim dizer), em um estado de constante equilíbrio. A amostra utilizada aqui se restringiu a apenas três fenômenos e, certamente, muitos fenômenos importantes deixaram de ser tratados, embora um panorama geral tenha começado a ser esboçado.

HORA, D. da; LUCENA, R. M. Conspiracy and demotion: mechanisms of simplifying the syllable structure. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p. 351-369, 2008.

- *ABSTRACT: It is plausible to propose that some synchronic phenomena in Brazilian Portuguese, namely the reduction of unstressed nasal diphthongs, monothongation of oral falling diphthongs and deletion of vibrants in coda position, seem to conspire towards a common goal or direction. These apparently distinct phenomena present, however, similar behavior: in all of them, the simplification of syllable structure is the result of the same process: the demotion of MAX-IO. To understand this claim, it is necessary to make clear what conspiracy is.*
- *KEYWORDS: Optimality Theory. Conspiracy. Demotion.*

Referências

BATTISTI, E. A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 255-274, 2000.

_____. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*, 1997. 187f. Tese (Doutorado em

- Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.
- CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1987. 194 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
- CÂMARA JUNIOR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. (Org.). *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba -VALPB*. João Pessoa: Idéia, 2001. v.1-5.
- HORA, D. da; SANTIAGO, S. de M. (Org.) *Vozes do Amapá*. João Pessoa: Idéia, 2006.
- JAKOBSON, R. Remarques sur l'évolution phonologique du russe compare à celle des autres langues slaves. In: _____. *Selected Writings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1962. v.1, p.7-116.
- KISSEBERTH, C. On the functional unity of phonological rules. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.1, p. 291-306, 1970.
- LAUSBERG, H. *Linguística românica*. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luisa Schemann. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- MCCARTHY, J. J. *A thematic guide to optimality theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J. N; N.; URBANCZYK, S.; DICKEY, L. W. (Ed.) *University of Massachusetts Occasional Papers volume 18: papers in optimality theory*. Amherst: GLSA, 1995. p.249-384. Disponível em: < <http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2007.
- _____. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. New Brunswick: University of Massachusetts, Amherst & Rutgers University, 1993. Disponível em: <<http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2007.

MENEZHINI, F. M. *O fenômeno da monotongação em Ibiaçá*. 1983. 87f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.253-268.

_____. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

PAIVA, M. da C. de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA E SILVA, G. M. *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.p.217-236.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. 1993. Disponível em: <<http://ruccs.rutgers.edu/roa.htm>> Acesso em: 19 dez. 2007.

SILVA, E. V. A monotongação de [ej] e [aj] nos falares fluminenses. *Graphos*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 49-53, 1997.

SILVA, F. S. *O processo de monotongação em João Pessoa*. 120 f. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em março de 2008.

Aprovado em junho de 2008.